

A educação

enquanto fenômeno social:

Um estímulo à transformação humana

5



Américo Junior Nunes da Silva
Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho
(Organizadores)

A educação

enquanto fenômeno social:

Um estímulo à transformação humana

5



Américo Junior Nunes da Silva
Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: um estímulo a transformação humana 5

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: um estímulo a transformação humana 5 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0061-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.615221103>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Subrinho, Abinalio Ubiratan da Cruz (Organizador). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Desde a superação dos paradigmas interpostos pelas tendências de cunho tradicionalista, o campo educacional vem somatizando uma série de ganhos e tensionamentos, entre eles se sublinha o amadurecimento das concepções da aprendizagem enquanto ato situado, atravessado pelas mais diversas experiências e contextos no qual todos os atores envolvidos neste rizoma se tornam importantes elaboradores e propagadores de conhecimento.

Adjunto a isso, se destaca também a indispensável atuação dos professores/as, coordenadores/as e demais profissionais da educação no desenvolvimento de reflexões de cunho teórico, metodológico, epistemológico, formuladas a partir da investigação da sua própria prática. Estudos que se convertem basilares no desenvolvimento de políticas públicas que levem em consideração o cenário sociocultural no qual a escola está imersa (do qual é simbioticamente integrante) e os sujeitos, intra e extramuros, que a compõem.

Nesse sentido, as práticas de pesquisa em Educação têm oportunizado um ganho sistêmico e multilateral para o campo e para os sujeitos, benefícios que refletem, diretamente, nos gestos e processos sociais: ganha o campo pois, em decorrência das investigações novas lentes são lançadas sobre fenômenos e problemáticas que permeiam as relações seculares do ensinar e aprender, bem como emergem novas questões achados que irão, entre outras circunstâncias, contribuir com reformulação do currículo escolar e da didática, inserindo e revisando temáticas e epistemologias.

Quanto aos indivíduos que, atravessados de suas subjetividades, ao pesquisarem exercem a autoformação, dimensão formativa aqui pensada a partir de Pineau (2002), que em linha gerais a define como um processo perene que acompanha os sujeitos em toda sua vida, promovendo uma revolução paradigmática. O estar atento a você mesmo, suas atitudes, emoções, e a relação com o outro e com o ambiente. A interação destas dimensões constitui um engajamento às causas pessoais, sociais e ambientais, possibilitando que os indivíduos reflitam e ressignifiquem, nesse contexto, o pensar praticar à docência e as outras diversas formas de ensinar.

Desse modo, nesta obra intitulada “**A educação enquanto fenômeno social: Um estímulo a transformação humana**” apresentamos ao leitor uma série de estudos que dialogam sobre as mais variadas temáticas, entre elas: a formação inicial e contínua dos profissionais da educação; discussões acerca dos níveis e modalidades de ensino, percebidas a partir de diversas perspectivas teóricas; da gestão da sala de aula e da gestão democrática do ensino público; elaboração e análise crítica de instrumentos ensino e situações de aprendizagem; constructos que versam sobre educação, tecnologia, meio ambiente, entre outras propostas transversais. As pesquisas adotam métodos mistos, filiadas a diferentes abordagens, campo teórico e filosófico, objetivando contribuir com a

ampliação dos debates em educação e com a formação, qualificação e deleite de todos os sujeitos que se encontrarem com este livro.

Assim, desejamos a todos e todas uma aprofundada e aprazível leitura.

Américo Junior Nunes da Silva
Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O BRASIL DOS ESTUDANTES: AS REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE NACIONAL ENTRE ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Cosme Freire Marins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6152211031>

CAPÍTULO 2..... 19

FAMÍLIAS E ESCOLA COMO REDES SOCIAIS DE APOIO: DESVELAMENTOS DE ADOLESCENTES EM DISTORÇÃO IDADE- ANO

Lucielma Moreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6152211032>

CAPÍTULO 3..... 37

INCLUSÃO COMO FENÔMENO DO PROCESSO DE NEOLIBERALISMO

Gilmar Vieira Martins

Manuel Tavares Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6152211033>

CAPÍTULO 4..... 49

FORMAÇÃO DOCENTE: PERSPECTIVA PARA A CONSTRUÇÃO DA INCLUSÃO NO ÂMBITO ESCOLAR

Amanda de Cássia Araújo de Souza

Aurea Lucia Cruz dos Santos

Môngolla Keyla Freitas de Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6152211034>

CAPÍTULO 5..... 54

O USO DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA FORTALECIMENTO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS: FORMANDO LEITORES

Vanuza Nunes Sedano Costa

Márcia Moreira de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6152211035>

CAPÍTULO 6..... 66

LA REGULACIÓN ESTATAL DE LA FORMACIÓN CIUDADANA EN LA ESCUELA

Jorge Aldemar Sánchez Díaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6152211036>

CAPÍTULO 7..... 78

A COLABORAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA ELABORAÇÃO DE PROVAS OPERATÓRIAS

Rodrigo Lopes de Oliveira

Maria Angela Dias dos Santos Minatel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6152211037>

CAPÍTULO 8	102
CULTURA DIGITAL: NOVAS RELAÇÕES PEDAGÓGICAS CURRICULARES	
Shirlene Coelho Smith Mendes	
Rosângela dos Santos Rodrigues	
Andréa Carolina Nascimento Silva	
Jermamy Gomes Soeiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6152211038	
CAPÍTULO 9	113
ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR COM ÊNFASE EM MIMETISMO E CAMUFLAGEM	
Gustavo Lopes Penhalver Peninck	
Nádia Maria Rodrigues de Campos Velho	
Anamaria da Silva Martin Gascón Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6152211039	
CAPÍTULO 10	125
A ÁGUA, UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO DE BIOLOGIA E DE QUÍMICA	
Milena Souza da Silva	
Adriana Helena Moreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110310	
CAPÍTULO 11	131
AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR COMO CENTRO DE VALORIZAÇÃO DO SEU MEIO SOCIOCULTURAL	
Lielson Pinheiro Torres	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110311	
CAPÍTULO 12	139
CONTRIBUIÇÃO DOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICO SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Mateus Alves Da Silva	
Sávio Silva Carneiro	
Juliana Pereira de Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110312	
CAPÍTULO 13	146
ANÍSIO TEIXEIRA E A PROPOSTA DE INCORPORAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO RECURSOS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS	
Jorge Eschriqui Vieira Pinto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110313	
CAPÍTULO 14	164
CIVILIDAD, UNA REPRESENTACION SOCIAL EN EL PACTO DE CONVIVENCIA	

ESCOLAR LECTURA SOCIOESTÉTICA DESDE EL ANÁLISIS DEL DISCURSO

Javier Mauricio Ruiz Galindo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110314>

CAPÍTULO 15..... 176

A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM GESTÃO ESCOLAR

Tatiana Ramos Torres

Flávia Pierrotti de Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110315>

CAPÍTULO 16..... 189

BRINCANDO E APRENDENDO COM O VOVÔ: O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL

Nubia Pereira Brito Oliveira

Marlon Santos de Oliveira Brito

Mylena Pereira de Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110316>

CAPÍTULO 17..... 197

PRODUÇÃO DE ADUBO ORGÂNICO PARA UTILIZAÇÃO EM HORTAS

Edivaldo Antônio de Jesus Fabiano

Juliana de Lima Lapera Batista

Denilton Rocha dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110317>

CAPÍTULO 18..... 216

SOBREVIVÊNCIA POLICIAL: NA FOLGA E NO TRABALHO - UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA

Fernando Beuren Araujo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110318>

CAPÍTULO 19..... 226

ROL DE DOCENTES DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Carolina Oliveira da Silva

Antonio Sergio Varela Junior

Carine Dahl Corcini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.61522110319>

SOBRE OS ORGANIZADORES 232

ÍNDICE REMISSIVO..... 233

CAPÍTULO 2

FAMÍLIAS E ESCOLA COMO REDES SOCIAIS DE APOIO: DESVELAMENTOS DE ADOLESCENTES EM DISTORÇÃO IDADE- ANO

Data de aceite: 01/03/2022

Data de submissão : 08/12/2021

Lucielma Moreira da Silva

Ucsal

Salvador- Bahia

<http://lattes.cnpq.br/4467416093310787>

RESUMO: Este artigo é um recorte da minha pesquisa de Mestrado, que trata das redes de apoio famílias e escola na aprendizagem do adolescente, em distorção idade-ano. O objetivo do trabalho se deu em descrever as percepções de adolescentes, em relação ao papel das redes de apoio famílias e escola no desempenho escolar. A investigação ocorreu em uma escola pública em Salvador- Bahia, com adolescentes cursando turma de Regularização de Fluxo/ Aceleração da Aprendizagem. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa do tipo descritiva, realizado através de um questionário sociodemográfico familiar e um roteiro de entrevista semiestruturada composto por questões abertas. A análise dos dados foi feita por meio da Análise de Conteúdo, na modalidade de análise temática, valendo-se da técnica de pesquisa proposta por BARDIN (2007). Buscou-se aportes teóricos em BRONFENBRENNER (1996), SLUZKI, 1997, LUCKESI (2011), PETRINI (2013), KOLLER (2014), SENNA e DESSEN (2019). Os resultados obtidos; revelaram as famílias e a escola como pilares de apoio importantes, tanto no desenvolvimento individual

como na vida escolar, bem como mostraram que essas redes são fundamentais no desempenho escolar, as quais incentivam- os a valorizar seu processo escolar, com a perspectiva de construção de um projeto futuro através dos estudos. Fica evidente a presença de uma rede de apoio afetiva formada, principalmente por pais e outros responsáveis, avós, tias, tios e professores. Constatou-se, ainda, que no contexto de vulnerabilidades sociais vivenciadas por esses jovens, a escola é vista como um meio protetivo e de ascensão social. Os relatos que se apresentam descrevem as famílias e a escola como redes promotoras de apoio e de envolvimento no desempenho escolar. Para tanto, considera-se o quanto são importantes políticas sociais que garantam a permanência do adolescente no âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Famílias; Escola; Adolescentes; Atraso escolar.

FAMILIES AND SCHOOL AS SOCIAL SUPPORT NETWORKS: UNVEILINGS OF ADOLESCENTS IN AGE-YEAR DISTORTION

ABSTRACT: This article is an excerpt from my Master's research, which deals with family and school support networks in adolescent learning, in an age-year distortion. The objective of the work was to describe the perceptions of adolescents in relation to the role of family and school support networks in school performance. The investigation took place in a public school in Salvador-Bahia, with adolescents attending a Flow Regularization/Learning Acceleration class. This is a study with a descriptive qualitative

approach, carried out through a sociodemographic family questionnaire and a semi-structured interview script composed of open questions. Data analysis was performed using Content Analysis, in the thematic analysis modality, using the research technique proposed by Bardin (2011). Theoretical contributions were sought in BRONFENBRENNER (1996), SLUZKI, 1997, LUCKESI (2011), PETRINI (2013), KOLLER (2014), SENNA and DESSEN (2019). The results obtained revealed the families and the school as important support pillars, both in individual development and in school life, as well as showing that these networks are fundamental in school performance, which encourage them to value their school process, with the perspective of building a future project through studies. The presence of an affective support network, formed mainly by parents and other guardians, grandparents, aunts, uncles and teachers, is evident. It was also found that in the context of social vulnerabilities experienced by these young people, school is seen as a protective and social ascension means. The reports that are presented describe the families and the school as networks that promote support and involvement in school performance. Therefore, it is considered how important social policies are that guarantee the permanence of the adolescent in the school environment.

KEYWORDS: Families; School; Teenagers; School Late.

1 | INTRODUÇÃO

O ritmo acelerado de mudanças na sociedade contemporânea traz modificações no curso de vida, que permeiam simultaneamente a pessoa e o contexto no qual ela se insere. Desse modo, acredita-se que no espaço de suas redes de apoio social e afetivo, os adolescentes protagonizam sua transformação individual e formação de um projeto de vida (PETRINI; DIAS, 2013; STENGEL; FRICHE, 2018). Neste viés, a compreensão dos adolescentes à luz de seus ambientes relacionais, amplia o olhar em direção às relações interpessoais, que eles percebem como significativas em sua vida (SLUZKI, 1997). Nessa perspectiva, o presente artigo insere-se na área de estudo relativa às redes de apoio social famílias e escola.

A cada dia torna-se mais visível perceber, que na diversidade da dinâmica familiar, modificaram-se comportamentos, relações, valores e perspectivas, e diante essas modificações os adolescentes imprimem suas percepções, em relação ao modo de vida familiar e a maneira como conduzem sua vida no contexto escolar. Coadunando assim, com o pensamento de Carrera e Freitas (2018, p. 369) ao pontuar que, “[...] transformando-se ao passo da história da sociedade, a adolescência é vivenciada diferentemente por cada adolescente, em processos únicos de construção de suas subjetividades e de características biopsicossociais”.

Com esse olhar, observa-se no âmbito escolar, que é latente o descompasso entre idade do aluno e o ano de escolarização. De acordo com a legislação brasileira, que organiza a oferta de ensino no país a Lei 9.394/1996 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), na faixa etária dos 15 aos 17 anos, o adolescente deve estar matriculado no Ensino Médio. No entanto, essa não é a trajetória de muitos adolescentes

brasileiros.

A distorção idade-ano é um fenômeno cumulativo que tem início nos primeiros anos do ensino fundamental e se arrasta por todo o percurso escolar dos jovens (UNICEF, 2018). De acordo com o mais recente Censo Escolar (2019), o atraso escolar, encontra-se no ano de 2019 numa taxa de 16,2%, de distorção, somente para o Ensino Fundamental. Esses dados revelam que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental têm dois ou mais anos de defasagem escolar, e muitos não conseguem concluir os estudos na idade certa, ou seja, no tempo regular obrigatório (INEP, 2019). Verifica-se que Norte e Nordeste são as regiões que têm os indicadores mais preocupantes, respectivamente 26,4% e 24,5% na distorção idade-ano no Ensino Fundamental. Os dados demonstram que a defasagem escolar ocorre de forma desigual no território brasileiro (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2019).

Esse problema torna-se mais grave, porque a repetência pode levar à defasagem de idade-ano e favorecer o abandono e a evasão escolar. A idade é considerada um fator de risco para a repetência escolar (ALVES, ORTIGÃO; FRANCO 2007). Compreende-se o quanto isso reflete em problemas que vão se acumulando ao longo de toda a formação escolar. Segundo dados da UNICEF (2018), se os jovens já estão atrasados no Ensino Fundamental, quando chegam ao Ensino Médio às chances de permanecerem defasados e decidirem sair é muito maior. É uma situação que pode ter consequências no desenvolvimento social dos adolescentes, tanto quanto à autoestima, a baixa expectativa de mobilidade social e outros aspectos da vida em sociedade (UNICEF, 2018). Diante esse cenário, como ressalta Leal (2018, p. 17), “a família e a escola constituem-se como instituições fundamentais ao processo evolutivo dos filhos/alunos, atuando como propulsoras ou inibidoras do crescimento físico, intelectual, emocional e social deles”.

Nessa direção, surgiu a inquietação em saber como alunos/ adolescentes em distorção idade- ano, percebem o papel da família e da escola, enquanto elementos da rede social de apoio no desempenho acadêmico ? Assim, o estudo teve como objetivo principal descrever através das percepções de adolescentes em distorção idade-ano, como percebem o papel da família e da escola, enquanto elementos da rede de apoio social, a fim de compreender o desempenho acadêmico. Considera-se que o estudo sobre as redes famílias e escola, assim como suas práticas, são essenciais para transformação e desenvolvimento do adolescente (SENN, DESSEN, 2019).

Reitera-se, assim, que o objeto desta pesquisa dialoga com fatores de vulnerabilidades sociais, na perspectiva de: pobreza, violência social, repetência e defasagem escolar. Para tanto, realizou-se a pesquisa em uma instituição educacional pública, localizada em um bairro periférico de Salvador- Bahia. Desta instituição participaram adolescentes de baixa-renda, cursando turma de Regularização de Fluxo/ Aceleração da Aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva.

A análise dos dados foi feita por meio da Análise de Conteúdo, na modalidade de análise temática, valendo-se da técnica de pesquisa proposta por Bardin (2007).

Para embasar a interpretação dos dados, utilizou-se a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, assim como o suporte teórico de autores, que discorrem sobre o tema da pesquisa. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador. Os resultados obtidos revelaram que as famílias e a escola são apontadas pelos adolescentes, como pilares de apoio importantes tanto no desenvolvimento individual como na vida escolar, os quais incentivam- os a valorizar seu processo escolar, com a perspectiva de construção de um projeto futuro através dos estudos.

Os dados demonstraram também que a figura feminina, ainda é a que mais se dedica aos cuidados e educação. O afeto apareceu como relevante no processo educativo. Fica evidente a presença de uma rede de apoio afetiva formada, principalmente por pais e outros responsáveis, avós, tias, tios e professores. Constatou-se, ainda, que no contexto de vulnerabilidades sociais vivenciadas por esses jovens, a escola é vista como um meio protetivo e de ascensão social. Os relatos que se apresentam descrevem as famílias e a escola como redes promotoras de apoio e de envolvimento no desempenho escolar.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

As pessoas vivem em redes relacionais tecidas por: famílias, escola, trabalho, em vários contextos e fases da vida. Essas redes se estabelecem entre os indivíduos e ambientes, sendo fundamentais no desenvolvimento biopsicossocial e no enfrentamento dos cenários de adversidades, que surgem no percurso do curso da vida. (BRITO; KOLLER, 1999; DESSEN; BRAZ, 2000; MOREIRA; CARVALHO; FRANCO, et al., 2012). Sluzki (1997, p. 42), define a rede como o “nicho interpessoal da pessoa”, ou seja, os elos de conexão relativamente estável de relações, em torno de algum propósito comum (RABINOVICH; CARVALHO; MOREIRA, 2019).

Como destaca Alves e Dell’ Aglio (2015) as pesquisas voltadas para a rede como apoio social destacam de forma significativa as famílias, a escola como bases fundamentais de apoio. De acordo com estes autores, nos achados destes estudos, as famílias são concebidas como a maior fonte de apoio social no curso de vida das pessoas, e a escola, como um espaço considerável de influência na formação, principalmente quando se trata da aprendizagem escolar. Essas instituições sociais são consideradas meios protetivos (ALVES; DELL’ AGLIO, 2015).

Os microssistemas famílias e escola são importantes contextos de desenvolvimento, influência e reciprocidade para os adolescentes (BRONFENBRENNER, 1996; DESSEN; POLÔNIA, 2007; OLIVEIRA; MARINHO- ARAÚJO, 2010). Como pontua Bronfenbrenner (1996) o adolescente é visto como um sujeito ativo, produto e produtor do seu desenvolvimento, interagindo com o seu contexto (BRONFENBRENNER, 1996). Nessa linha de pensamento, compreende-se aqui, as adolescências como um fenômeno em

movimento entre a vida infantil e a adulta, com as múltiplas dimensões que a constituem como fato social, psicológico, geográfico e cultural resultante de momentos significados e interpretados de forma singular pelo ser humano (BOCK, 2004; SALLES, 2005; CERQUEIRA-SANTOS; NETO; KOLLER, 2014; CARRERA; FREITAS, 2018). Por este viés, acredita-se assim como Carrera e Freitas (2018, p. 369) que “há mais precisão no uso do termo “adolescências” do que adolescência. Haja vista, as marcas que a sociedade em movimento particulariza no mundo social e individual”.

2.1 Famílias como rede de apoio social e afetivo

Entende-se que a família é o primeiro microsistema que funciona como um contexto de desenvolvimento e aprendizagem na adolescência, pois nela acontecem as interações mais diretas e as experiências mais significativas para a pessoa (BRONFENBRENNER, 1996). Conforme Dessen e Polonia (2007, p.22), “ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias”, assim tem uma considerável influência sobre sua prole (DESSEN; POLONIA, 2007). Desse modo, de acordo com Silva e Rabinovich (2016, p.246), “ [...] não se define mais um único modelo de família, mas diversas configurações que contemplam uma amplitude de modelos familiares”. Neste viés, adota-se aqui o termo famílias, proposição coerente com a realidade em que as famílias vêm se apresentando.

As famílias têm como papel basilar a socialização dos indivíduos, para a produção da subjetividade na contemporaneidade, sendo os pais ou outros responsáveis, um dos principais elos no processo de desenvolvimento biopsicossocial dos adolescentes. Cabe a eles às tarefas de redefinir suas identidades parentais, modular sua autoridade, permitindo desse modo, aos filhos uma maior autonomia e independência para que se desenvolvam (DESSEN; POLÔNIA, 2007; PETRINI; DIAS, 2013; STENGEL; FRICHE, 2018).

Deve-se entender também, que embora de evidente importância, as famílias nem sempre, se constitui como uma rede de apoio social efetiva para seus membros. Muitas vezes, diante da não resolução de conflitos intrafamiliares, ou uma dinâmica familiar pouco saudável, podem vir a ocorrer padrões disfuncionais como: maus tratos, violência doméstica, abusos, violações de direitos, desavenças, evasão escolar, dentre outras (SENNA; DESSEN, 2019).

A qualidade destas relações familiares faz pensar também, na rede de cuidadores no entorno dos adolescentes. Como coloca Moreira, Carvalho e colaboradores (2012, p.31) “a família é vista como agente primário de cuidado, de socialização e de aculturação, de preservação ou de transformações de valores, de relações e de lugares sociais”. As relações humanas, em especial a de cuidado, são fundamentais para o crescimento da pessoa. As redes envolvidas neste processo, incluem potencialmente familiares (pai, mãe, irmãos, avós, tios/tias) requerendo troca comunicacional entre os seus diversos componentes. Contudo, a forma como esse cuidar e educar vão ocorrer depende do

ambiente sociocultural nos quais os adolescentes se encontram (CARVALHO; FRANCO; COSTA, et al., 2012).

Assim no ciclo da pobreza as famílias adquirem um significado de crucial relevância, ao passo em que representa tanto um fator de risco, como um núcleo de prevenção primária de possíveis situações- problema (CRONEMBERGER; TEIXEIRA, 2012; MACEDO; KUBLIKOWSKI, 2016). Para Petrini, Fonseca e Porreca (2010, p. 194) “as famílias das classes populares, mesmo em sua vulnerabilidade, constituem um insubstituível lugar de socialização, pois elas introduzem as novas gerações compreensão e interação com toda a realidade”. Sendo assim, são vistas como um capital social fundamental para a sociedade, porque nas relações que a constituem são gerados bens relacionais fundamentais, entre os quais destacam-se a confiança, a reciprocidade, proteção e afeto (PETRINI; FONSECA; PORRECA, 2010; PETRINI; DIAS, 2013).

Dessa forma, o capital social familiar como uma dimensão interna às relações familiares, favorece a elaboração e o fortalecimento de um projeto de vida. Faz-se necessário esclarecer que para Petrini e Dias (2013, p. 45), “o projeto situa-se para além da situação atual, [...] e abre caminho [...] para o cumprimento das possibilidades biográficas do sujeito”. Para os autores a situação desfavorecida inicia um rompimento, quando o indivíduo, especialmente o adolescente, consegue elaborar um projeto, que possibilite melhor escolaridade e formação profissional. Nessa direção, compreende-se que o projeto de vida entrelaça a perspectiva de futuro, com o desejo de uma possível mobilidade social e assim o desvencilhamento das biografias de carências (PETRINI; DIAS, 2013).

Desse modo, compreende-se as famílias de adolescentes como um ambiente social ímpar, com o qual a pessoa adquire as aprendizagens primárias fundamentais, para o desenvolvimento dentro da sociedade (PETRINI; ALCÂNTARA, 2002; DESSEN; POLONIA, 2007). Portanto, independente das mudanças instauradas no ambiente familiar, entende-se que essa instituição social, ainda é o espaço privilegiado para o adolescente aprender a ser e conviver. Assim, diante dessas metamorfoses, as famílias têm um papel de mediadora no enfrentamento de problemas e atendimentos das necessidades dos seus membros, na luta para superar aos eventos adversos que se lhes apresentam (PETRINI; DIAS, 2013; CARRERA; LIMA, 2017).

2.2 Escola como rede de apoio social e afeto

A rede de relações que se tecem no cotidiano escolar configura-se um lócus privilegiado para os adolescentes de trocas e experiências. É um espaço que pode oferecer além da educação sistematizada, apoio afetivo e protetivo, para que o educando se sinta num ambiente de acolhimento e pertencimento. Para tanto, os adolescentes devem ser compreendidos no contexto da sociedade em que estão inseridos. Entretanto, é importante destacar que a escola no seu contexto relacional, também é um lugar de descompassos institucionais e interpessoais, que precisam ser reavaliados e ressignificados na

intencionalidade efetiva de uma rede de apoio afetiva aos adolescentes (BRITO; KOLLER, 1999; DESSEN; BRAZ, 2000; AMPARO et al., 2008).

A escola por ser lugar onde acontece o enlace de culturas e visões de mundo diferenciadas, exerce forte influência no desenvolvimento dos adolescentes, onde durante a maior parte do tempo de suas vidas, ela é responsável no processo de mediação e reflexão com o mundo social. Essa agência socializadora é uma rede de apoio social e afetivo de referência muito importante, no período da adolescência, principalmente para os adolescentes em contextos vulneráveis. Assim sendo, não se pode falar de uma adolescência, principalmente no espaço escolar, visto que não consiste de transformações sem implicações sociais. (AMPARO et al., 2008; GONTIJO; MARQUES; ALVES, 2012; ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFISZ, 2015).

Faz-se necessário enfatizar que, a escola, em todas as suas modalidades e níveis de ensino é um lugar onde, também se dão contradições socioeconômicas e culturais, que estão embebidas em questões de poder e controle social dentro da sociedade na qual está situada. Nessa direção, a maneira como se enxerga o chão da escola, ou seja, a organização deste processo, pode ser determinante das maneiras como se ensina e se educa dentro de um contexto de desigualdades sociais (LUCKESI, 2011; SAVIANI; 2018). Desse modo, é importante pontuar, sobretudo que o espaço escolar, como lugar de culturas adolescentes, não pode ser pensado sem se considerar as diversidades e as identidades próprias desta categoria. (ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFISZ, 2015).

No bojo deste processo, ressalta-se que, nos últimos anos, projetos de correção de fluxo vêm sendo implantados no ensino público em diversos estados brasileiros (PARENTE; LUCK, 2004). Como dispositivos compensatórios estes programas foram planejados para o combate do fracasso escolar e reinserção de alunos em atraso escolar, no ano regular de escolarização (GENTILI, 2011). O que de certo modo, favorecem o mascaramento de complexos problemas educacionais, entre eles, a falta de qualidade nos processos educacionais, as dificuldades de aprendizagem e o aumento da reprovação (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2005).

Uma visão reducionista de custos, que desconsidera nas palavras de Arroyo (2014) “a diversidade dos tempos mentais, culturais e sociais” (ARROYO, 2014). O objetivo principal das estratégias de correção de fluxo no ensino fundamental, vigentes no Brasil, é de proporcionar a equivalência entre a idade e o ano de escolarização e uma educação pública inclusiva (PARENTE; LUCK, 2004). Porém, o currículo traz embutido, uma postura política que não se articula com a vivência cultural diversificada e expectativas diferenciadas quanto à escolarização, particularmente quando se trata de adolescentes (SILVA, 2005; GENTILI, 2011; ABRAMOVAY; CASTRO; WAISELFISZ, 2015).

Para descortinar os lastros deste problema social, além de entender os aspectos econômicos e os meandros dos aspectos pedagógicos, é preciso voltar-se para as políticas educacionais, com dispositivos de remediação, principalmente para adolescentes,

em desvantagem no caminho do processo regular de escolarização (GENTILI, 2011; PIRONE, 2017). O atraso escolar intensifica-se nos anos finais da Educação Básica. Desse modo a taxa de defasagem escolar encontra-se numa ascendência, a partir do Ensino Fundamental- I (1º ao 5º anos), ou seja, nos anos iniciais, tendo uma maior taxa de elevação do atraso escolar no Ensino Fundamental-II (6º ao 9º anos). Nessa direção, o gráfico abaixo, possibilita entender melhor o avanço dessa defasagem, de acordo com os anos de escolarização no Ensino Fundamental.



Gráfico 1: Taxa de Distorção – Ensino Fundamental

Fonte: UNICEF, 2018

O valor da distorção é calculada em anos e representa a defasagem entre a idade do aluno e a idade recomendada, para o ano de escolarização que o estudante está cursando. De acordo com indicadores do Censo Escolar (2017), no que se refere aos dados do Ensino Fundamental, fica evidente que o problema da distorção idade- ano começa cedo (UNICEF, 2018). Tais resultados também demonstram a fragilidade do ensino e aprendizagem nos sistemas públicos de ensino.

Por sua vez, na direção contrária dessa situação de vulnerabilidade escolar, reconhece-se com Dessen e Polonia (2007), que o ponto de partida para a ação educativa transformadora, como rede de desenvolvimento humano, é o resgate e o respeito ao indivíduo enquanto agente único, em seu ritmo de desenvolvimento, e agente social, no seu potencial transformador (DESSEN; POLONIA, 2007). Desse modo, a instituição escolar é um significativo espaço de apoio social, que influencia na autoestima da pessoa em formação, devido a ser um ambiente que o indivíduo passa considerável parte da sua vida (ALVES; DELL’AGLIO, 2015).

3 | ASPECTOS METODOLÓGICOS

Optou-se pela pesquisa qualitativa- descritiva, porque conforme Deslendes e colaboradores (2013), a abordagem qualitativa favorece a compreensão dos fenômenos sociais, a partir do ponto de vista dos sujeitos envolvidos e implicados na situação em estudo (DESLENDES, et al., 2013).

Participaram do estudo 8 adolescentes entre 12 a 15 anos de idade, tanto do sexo masculino como feminino, estudantes de baixa renda em Salvador/Bahia. O campo de estudo foi uma Escola pública em Salvador/ BA de Ensino Fundamental –I numa turma de Regularização de Fluxo/ Aceleração de Aprendizagem. A opção por estas turmas ocorreu por serem classes formadas, por adolescentes em distorção idade ano e um quantitativo considerável de alunos multirrepetentes, que vivem num contexto de vulnerabilidade, tanto social como familiar.

Para realização da pesquisa foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados um questionário sociodemográfico familiar e uma entrevista semiestruturada com um roteiro com questões abertas, construído com base na revisão de literatura sobre a temática investigada, abordando questões como: concepção e relação do adolescente com as famílias, as redes relacionais estabelecidas nesses contextos e seus elementos contextuais e psicossociais considerados dificultadores e facilitadores pelos participantes-adolescentes e o envolvimento das redes no desempenho escolar. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas de acordo com as etapas da Análise de Conteúdo Temática (DESLENDES, et al., 2013).

Como os documentos utilizados na análise dos dados se referem às transcrições das entrevistas, optou-se pela análise Temática Categorial que é caracterizada pela contagem de um ou vários temas ou itens de significação (BARDIN, 2007). Nesse viés, os depoimentos dos sujeitos foram classificados em categorias visando uma análise fidedigna a fala dos entrevistados. Operacionalmente, a Análise Temática de Conteúdo, segundo Deslendes e colaboradores (2013), desdobra-se nas etapas pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/ interpretação. Este estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em pesquisa sobre seres humano da Associação Universitária e Cultural da Bahia, com o CAEE nº 13381119700005628 e aprovado com o Parecer número 3.379.914 de 10 de Junho de 2019.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos revelaram que as famílias e a escola são apontadas pelos adolescentes, como pilar de apoio importante tanto no desenvolvimento individual como na vida escolar, o qual incentiva- os a valorizar seu processo escolar, com a perspectiva de construção de um projeto futuro através dos estudos. Constatou-se, ainda, que no contexto

de vulnerabilidades sociais vivenciadas por esses jovens, a escola é vista como um meio protetivo. Os relatos que se apresentam descrevem as famílias e a escola como rede promotora de apoio e de envolvimento no desempenho escolar. Segundo Bronfenbrenner (1996) as famílias e a escola são importantes contextos de desenvolvimento e reciprocidade para os adolescentes (BRONFENBRENNER, 1996; DESSEN E POLONIA, 2007).

Nos depoimentos dos entrevistados de ambos os sexos, a família é concebida como apoio e ambiente que transmite segurança, exemplificada nas falas a seguir: “Família educa, ela me ensina, dá amor e protege [...] mesmo quando tem discussão” (RAVENA); “Família me apoia, me defende, me dá educação” (ARLEQUINA); “Educar, proteger, cuidar e se divertir”(THOR). Os dados revelam haver destaque para as famílias como instância fundamental de apoio para poder viver a vida, enquanto jovem, principalmente no que se refere à prática educativa, mesmo quando não há apenas momentos felizes.

Percebe-se nestas famílias, a importância do aprendizado daquilo que Bronfenbrenner (2011) chama de “experiência humana”, com vista ao aprendizado da convivência, das práticas educativas e de cuidado de si, de outrem e dos ambientes. O sentido atribuído pela totalidade dos entrevistados às famílias se ancora numa relação de apoio, mas principalmente ao seu papel de educar, pois compreendem a imagem de família como a base primária na educação do indivíduo.

Um ponto a ser destacado, sobre o envolvimento das famílias na vida acadêmica dos adolescentes participantes, refere-se à maior disponibilidade da figura feminina, no auxílio em práticas educativas e nas atividades escolares. Em 7 dos 8 depoimentos observou-se uma maior participação da figura feminina na vida escolar dos filhos adolescentes, acompanhando às atividades escolares e incentivando nos estudos. Isso se exemplifica na fala a seguir: “[...] minha mãe sempre cobra para fazer o dever de casa, ela sempre pega meu caderno para ver se eu fiz, ela quer que eu seja médico, faça faculdade de Medicina” (MORDEKAY).

Os dados a evidenciam como a principal responsável nessas tarefas. O que leva a entender que para os adolescentes, a mãe ou a figura materna, ainda é a pessoa mais presente no seu processo de educação. Ela está mais tempo em contato com os filhos, na qual se percebe uma intensidade de dedicação e de investimento de comunicação, especialmente em relação à educação. Os resultados obtidos mostraram concordância com os estudos realizados por Dessen e Braz (2000), que também revelaram serem as mães as principais responsáveis pela realização das tarefas domésticas e dos cuidados dispensados aos filhos.

Vale ressaltar, que outros membros da família também colaboram nas relações positivas, voltadas para o apoio no educar, o que demonstra uma rede familiar afetiva (DESSEN; BRAZ, 2000; SARTI, 2010; CARVALHO; BASTOS; RABINOVICH, SAMPAIO, 2006) Dentro desta rede de parentesco, constata-se que a figura da avó desempenha importante função nos processos educativos e de cuidados. A exemplo da relação de Eleven

com sua família, a qual se apresenta bem complexa, já que ela mora com a mãe e sua avó materna. Os conflitos familiares com a figura materna são vistos nas seguintes falas: “minha mãe já que tem problema de depressão, ela não pode me apoiar tanto assim como as mães hoje em dia apoiam tanto os filhos” (ELEVEN). Os papéis e as funções familiares se apresentam confusas, sendo que a avó materna ocupa um lugar central na família. Ela exerce a função de mãe para a neta. Isto posto, ancorado na teoria de Bronfenbrenner (2011), que propõe considerar a pessoa na sua singularidade, com atenção ao seu processo de desenvolvimento ao longo do curso de vida, parte-se para o entendimento de que os avós podem proporcionar experiências significativas para os netos.

A coabitação com a avó revela-se também, importante elemento de cuidado familiar, especificamente em relação ao desenvolvimento da entrevistada, já que a mãe, por motivos de doença, não se faz presente emocionalmente durante este período da adolescência. Nessa família, pode-se pontuar que a mãe encontra-se destituída de sua posição parental, lugar esse ocupado pela avó no cuidar e no afeto. Nessa direção, concordando com Bronfenbrenner (1996), este resultado é indicativo da importância de terceiros nesse processo de cuidado dos filhos/netos.

Apesar, da pouca escolaridade da avó relatada pela participante, ainda assim, é considerada por ela, como incentivadora nos estudos, dando assim, apoio educacional e afetivo. Esta convivência, sob a ótica da teoria de Bronfenbrenner (1996), pode ser vista como relações no ambiente próximo, ou seja, relações microssistêmicas (BRONFENBRENNER; 1996). Ou como coloca Vigotski (2001) a atividade humana é internalizada como um processo social, mediado coletivamente.

Percebe-se através de alguns argumentos familiares, que há também, uma maior preocupação dos adultos com o vir a ser do adolescente. Constata-se isso na seguinte fala: “Meus tios também fazem o dever de casa comigo, todo mundo ajuda. Eles dizem não pode parar de estudar, não pode parar, para não perder o emprego, porque ele está vendo que a favela não presta, tem tráfico” (WOLVERINE). Ressalta-se que este é um jovem que mora com a mãe, a avó e a tia, mas tem os tios como figura paterna. Esta questão é observada principalmente, em lares monoparentais, onde a mulher chefe de família, precisa de um suporte de apoio parental masculino em relação aos filhos.

Durante a transição para a adolescência, as famílias encaram os desafios estabelecendo novas trocas comunicacionais e relacionais. Tudo isso ocorre em um contexto de regras geralmente estabelecidas pelos pais ou responsáveis, e pelo modo de se comunicar entre os membros das famílias (SENNA; DESSEN, 2019), que em alguns casos, observa-se a repetição da educação que os mesmos receberam da sua cadeia hierárquica familiar (BRONFENBRENNER, 1996; BIASOLI-ALVES, 2012).

Desse modo, os relatos descritos deixam evidentes que o cuidar e o afeto se apresentam na adolescência, como formas de apoio elementares no desenvolvimento biopsicossocial, mesmo diante a tendência ao afastamento familiar neste período da vida,

pois é justamente neste movimento de mudanças, que os adolescentes mais necessitam de suporte familiar. Nessa direção, torna-se evidente, que estes pilares de apoio, ficam mais necessários à medida que os adolescentes ampliam seus microsistemas e com isso, irão formar novas redes relacionais, a exemplo da escola (BRONFENBRENNER, 1996; SENNA; DESSEN 2012).

Nesse viés, a rede de apoio também está relacionada a um maior êxito na escola e fortalecimento de uma autoimagem positiva no adolescente (BRITO; KOLLER, 1999). Ao perguntar “Como você percebe a relação da sua família no seu desempenho escolar?” Neste aspecto, os participantes informam: “Minha mãe faz questão de me ajudar, porque ela quer que eu cresça, estude bem para ter um emprego melhor” (ARLEQUINA). Dessa forma, as características do indivíduo em dado momento de sua vida, envolve uma função conjunta das características individuais e do ambiente ao longo do curso da vida. Estas particularidades, assim como os valores e expectativas que se têm na relação social devem ser consideradas (BRONFENBRENNER, 2011).

Partindo-se da questão “Como você descreve o seu ambiente escolar?”, a escola é descrita pela maioria dos participantes, como um local para Estudar, a exemplo de 2 falas: “Estudar, aprender. Ela me protege da violência. Um lugar para proteger, os adolescentes dos perigos para não acontecer essas coisas erradas, violência” (RAVENA). “O papel da escola é para você estudar [...] não se envolver nestas coisas de drogas e violência, ajudar a família a ser alguma coisa na vida do que ficar por aí, nestas drogas e violências pelo que tem na rua” (ELEVEN). Embora estes participantes considerem a escola um local de aprendizado, há uma intensidade nas falas, ao referir-se à escola como um ambiente protetivo. De acordo, com Bronfenbrenner (1996), o potencial desenvolvimental dos ambientes aumenta, quando há informações disponíveis de um ambiente sobre o outro. Pode-se assim, inferir que práticas educativas, ou seja, o orientar e ensinar, bem estabelecidos e compartilhados com a rede familiar evidentemente reverberam na vida escolar dos filhos/ estudantes adolescentes. É notório que a instituição escolar demarca um lugar de proteção para esses adolescentes, a qual parece se vincular a imagem de superação/ rompimento do contexto vulnerável.

Ao descreverem a vida na escola, os adolescentes enfatizam também um bom relacionamento com os professores/ gestores e o apoio destes nos estudos, assim como há uma ênfase na perspectiva de futuro depositada na instituição escolar. “[...] essa escola é muito boa, é o aprendizado, é muito bom pela diretora e a professora e para mim é ótima ficar nesta escola” (ELEVEN). Como coloca Behrens (2013, p.74) “o educador progressista respeita os alunos e acredita que são capazes de construir suas próprias histórias, a fazer escolhas e trilhar caminhos reflexivos”.

A maioria dos entrevistados relata que têm um projeto de vida. Eles já definiram inclusive, as profissões. Segue um depoimento: “Eu imagino um futuro melhor para mim se eu estudar bastante, e ser alguém na vida e eu imagino que eu quero é fazer, ah ! formar,

é curso de Medicina, para ser médica e ser enfermeira de animais”(ELEVEN). ,Constata-se a consciência da necessidade de aprender, para buscar uma vida diferente das famílias, através da projeção pelo estudo, como entendimento de estar em situação desfavorável socialmente.

Essa vivência de bem-estar no ambiente escolar, em conjunto com a responsabilidade profissional, transmitem uma sensação de segurança e de direcionamento, assim, como é visto pelos participantes como um elemento protetor, o que colabora de forma significativa para a aprendizagem. Como coloca Freire (2011), o ato de educar necessita de diálogo, considerar as experiências do outro e escutar as realidades, são saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 2011).

Assim, ressalta-se da importância da escola e das famílias nas sociedades contemporâneas, como contextos imprescindíveis de desenvolvimento humano na trajetória das pessoas. Ambos são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento sociocultural sistematizado, atuando não só como contextos fomentadores de crescimento, mas como retentores do desenvolvimento. Diante disso, é crucial pensar que a relação entre esses ambientes é de grande relevância para o desenvolvimento do indivíduo. (KOLLER;NARVAZ, 2004; DESSEN; POLONIA, 2007).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere ao objetivo de conhecer as concepções dos adolescentes sobre suas redes de apoio: famílias e escola. Verificou-se que essas redes, são concebidas com uma clara demarcação espacial: o espaço familiar voltado para as relações familiares, entre elas, práticas educativas, de cuidado, de auxílio nos estudos e de afeto e a escola como lugar da aprendizagem, da proteção social e da perspectiva de futuro.

Ao serem levantadas as concepções dos adolescentes sobre as famílias, notou-se que, para os adolescentes a família é aquela que está presente na vida da pessoa e participa do cotidiano dela; é o pilar de educação da pessoa; é aquela que cuida e proporciona um relacionamento afetivo. Neste viés, entende-se que os membros das famílias se organizam como fonte de apoio social substancial, mais frequente no cotidiano de crescimento destes jovens estudantes. Sobre a escola foi possível perceber que esses jovens são otimistas e confiantes em relação à escola. É o lugar onde eles constroem redes relacionais com seus iguais e com o adulto/ educador- referência, assim como também depositam expectativas em projetos futuros.

Portanto, acredita-se que se deva persistir em políticas sociais contínuas e persistentes, para o fortalecimento das famílias, e conseqüentemente o bem-estar dos adolescentes. Para que não se chegue a necessitar de propostas curativas para resolução do atraso escolar, em última instância. A educação pensada como prática social é uma das formas de dar subsídio aos jovens, na permanência aos estudos, possibilitando o

rompimento de barreiras sociais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO; WAISELFISZ. **Juventudes na escola, sentidos e buscas**: Por que frequentam ? Brasília- DF. Flacso.- Brasil, OEI, MEC. 2015.

ALVES, C. F.; DELL' AGLIO, D. D. **Apoio social e comportamentos de risco na adolescência**. Porto Alegre. v. 46, n. 2, p.165-175, abr/ jun. 2015.

ALVES, F.; ORTIGÃO, I.; FRANCO, C. Origem social e risco de repetência: interação raça-capital econômico. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 161-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/08.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

AMPARO, D. M. do; KOLLER, S.H.; et al. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia**, v.2, n.13, p.165-174, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/09.pdf> Acesso em: 12. ago. 2019.

ARROYO, M. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4 ed. Lisboa – Portugal, 2011.

BIASOLI- ALVES, Z. M. M. Cuidado e negligência na educação da criança na família. MOREIRA, L. V. C., CARVALHO, A. M (org.). *In*: **Família e educação**: olhares da psicologia. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2012. Cap.1.

BRASIL, Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 1996.

BRITO, R.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. *In*: A. M. CARVALHO (ed.). **O mundo social da criança**: natureza e cultura em ação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 115-129.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr, 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 set. 2019.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Tradução: M. A. V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. A teoria bioecológica do desenvolvimento humano. *In*: BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Tradução: André de Carvalho Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CARVALHO, A. M.; BASTOS, A. C. S.; RABINOVICH, E. P.; SAMPAIO, S. M. R. Vínculos e redes sociais em contextos de familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, 2006, p. 589-598.

CARVALHO, A. M. A.; FRANCO, A. L. S.; COSTA, L. A. F.; et al. Rede de cuidadores envolvidos no cuidado cotidiano de crianças pequenas. *In*: CASTRO, M. G.; CARVALHO, A. M. A.; MOREIRA, L. V. C. (org.). **Dinâmica familiar do cuidado**: afetos, imaginário dos pais na atenção aos filhos. Salvador: EDUFBA, 2012. cap. 3.

CAVALCANTI, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. **Análise de conteúdo**: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Inf. e Soc.; Est., João Pessoa*, v. 24, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2014. Disponível em: https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitativo%20e%20qualitativo%20FES/An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo/cavalcante_calixto%20e%20pinheiro%20analise%20se%20conteudo_pdf_ba8d5805e9_0000018457.pdf Acesso: 17 fev. 2020.

CARRERA, G. O.; FREITAS, J. M. Adolescências e privação de liberdade: antagonismos de um encontro impositivo *In*: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (org.). **Adolescentes & Adolescências**: família, escola e sociedade. Curitiba: CRV, 2018, cap. 16, p. 357-375. (Coleção Família e desenvolvimento humano, v.1)

CARRERA, G. O.; LIMA, I. M. S. O. Família como trincheira: proteção social das novas gerações. *In*: **Pais, avós e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea**. MOREIRA, L. V. de C.; RABINOVICH, E. P.; RAMOS, M. N. (org.). Curitiba: CRV, 2017, cap. 2, p. 41-58.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; NETO, O. C. de M.; KOLLER, S. H. Adolescentes e adolescências. *In*: HABIGZANG, L. F.; DINIZ, E.; KOLLER, S. H. (org.). **Trabalhando com os adolescentes** – teoria e intervenção psicológica. Porto Alegre: Artmed, 2014. Cap. 1. Disponível em https://www.larpsi.com.br/media/mconnectupload/files/c/a/cap_657.pdf Acesso: 04 nov. 2019.

CRONEMBERGER, I. H. G. M.; TEIXEIRA, S. M. **Famílias vulneráveis como expressão da questão social e à luz da política de assistência social**. Interface, Natal/ RN, v.9. n.2 jul/dez.2012.

DESLENDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *In*: DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Famílias e Rede de Apoio. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, Unb, v.16, n.3, p. 221-231, set./dez. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000300005> Acesso em: 15 out. 2019.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, v. 17, n. 36, p 21-32, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf> Acesso em: 12 de ago. 2019.

INEP. **Censo da Educação Básica 2019**. Notas estatísticas. DEED. Brasília- DF. INEP/MEC 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/0/Notas+Estat%C3%ADsticas++Censo+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%A1sica+2019/43bf4c5b-b478-4c5d-ae17-7d55ced4c37d?version=1.0> Acesso: 20 mar. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Cenário da infância e da adolescência no Brasil 2019**. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/sites/default/files/2019-05/cenario-brasil-2019.pdf> Acesso em: 23 de out.2019.

GENTILI, P. **Pedagogia da exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. 18 ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GONTIJO, D. T.; MARQUES, E.; ALVES, H.C. “Hoje na escola a gente está falando em vulnerabilidade”: contribuições da terapia ocupacional no processo de formação continuada de professores. **Cad. Terapia Ocupacional**, UFSCar, v. 20, n. 2, p. 255-266, 2012. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/628/383> Acesso em: 15 ago. 2019.

KOLLER, S. H.; NARVAZ, M. G. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. *In*: KOLLER, S. H. (org.). **Ecologia do desenvolvimento humano** – Pesquisa e Intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 51-65.

LEAL, T. C. M. **Narrativas de professoras da educação infantil: formação, prática docente e relação com as famílias em uma instituição comunitária**. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador. Salvador – BA, 2018.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MACEDO, R. M. S. de; KUBLIKOWSKI, I. O ciclo vital de famílias brasileiras. *In*: MOREIRA, L. V de C. (org.). **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016.

MOREIRA, L. V. C.; CARVALHO, A. M. A.; FRANCO, A. L. S. et al. Metodologia. *In*: CASTRO, M. G.; CARVALHO, A. M. A.; MOREIRA, L. V. C. (org.). **Dinâmica familiar do cuidado**: afetos, imaginário dos pais na atenção aos filhos. Salvador: EDUFBA, 2012, cap. 2.

MOREIRA, L. V. C.; CARVALHO, A. M. A.; ALMEIDA, V. M. P.; OIWA, N. N. A prevalência materna e feminina no cuidado cotidiano de crianças pequenas. *In*: CASTRO, M. G.; CARVALHO, A. M. A.; MOREIRA, L. V. C. (org.). **Dinâmica familiar do cuidado**: afetos, imaginário dos pais na atenção aos filhos. Salvador: EDUFBA, 2012, cap. 5.

OLIVEIRA, R. P., ARAÚJO, G. C. **Qualidade do ensino**: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. Revista Brasileira de Educação. n. 28, jan/fev/mar/abr, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n28/a02n28.pdf> Acesso em: 17 de mar de 2020.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO – ARAÚJO, C. M. A relação família escola: intersecções e desafios. **Estudos da psicologia**. Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-108, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2010000100012&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 16 abr. 2019.

PARENTE, M. M de A. LUCK. H. **Mecanismos e experiências de correção de fluxo**. IPEA. Brasília, jul. 200. ISSN14154765.

PETRINI, G.; ALCÂNTARA, M. A. R. **A família em mudança**. Revista VERIATI. Salvador, v.2, n. 2, p. 125-140, 2002.

PETRINI, G.; DIAS, M. C. **Família no debate: cultural e político contemporâneo**. 2.ed. São Paulo. Edições Loyola, 2013.

PETRINI, G. **Pós modernidade e família**. Ed. Edusc, 2003.

PETRINI, G.; FONSECA, R.; PORRECA, W. **Pobreza, capital humano, capital social e familiar**. Memorandum. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP. v.19, p.184-197, out, 2010. ISSN1676-1669. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/download/6580/4157/> Acesso em: 18 mar. 2019.

PIRONE, I. Impasses atuais da relação educativa: o fracasso escolar, uma janela aberta sobre nossa contemporaneidade. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil. v.33, n. 64, p. 103-116, abr./jun. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602017000200103&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 25 out. 2019.

RABINOVICH, E. P.; CARVALHO, A. M.; MOREIRA, L. V. C. Compartilhamento do cuidado parental. *In*: DESSEN, M. A. (org.). **Família no curso de vida**: compreendendo a família e seus desafios na contemporaneidade. Curitiba: Juruá, 2019, v.1. cap. 1.

SALLES, L.M.F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia**. Campinas, n. 22, v.1, p. 33-41. jan./mar, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2005000100005&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 15 de jan. 2020.

SARTI, C. A. Famílias enredadas. *In*: ACOSTA, A. R; VITALE, M. A. F (org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez: Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais, PUC/SP, 2010, p. 21-36.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 43. ed. rev. Campinas, São Paulo. Autores ASSOCIADOS, 2018.

SENNA, S. R.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias de Desenvolvimento Humano para a concepção contemporânea da Adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.28, n.1, p.101-108, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/13.pdf> Acesso em: 16 out. 2019.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. A Comunicação na família durante a adolescência dos filhos. *In*: **Família no curso de vida**: compreendendo a família e seus desafios na contemporaneidade. DESSEN, M. A (org.). Curitiba: Juruá, 2019, v.1. cap. 3.

STENGEL, M.; FRICHE, M. de L. O adolescente, seu quarto e as relações familiares contemporâneas. *In*: **Adolescentes & Adolescências**: família, escola e sociedade. M. L. V. de C. RABINOVICH, E. P. FORNASIER, R. C. (org.). Curitiba: CRV, 2018. cap. 8. (Coleção família em desenvolvimento, v.1).

SILVA, T. T. Currículo uma questão de saber, poder e identidade. *In*: **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

SILVA, M. A. V. da; RABINOVICH, E. P. E o pai na adoção? *In*: MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P.; ZUCOLOTO, P. C. S. da. **Paternidade na sociedade contemporânea**: o envolvimento paterno e as mudanças na família (org.). Curitiba: Juruá, 2016. cap. 13.

SLUZKY, C. E. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. UNICEF. **Panorama da distorção idade série no Brasil**. Brasília /DF. Escritório da UNICEF no Brasil. 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/panorama-da-distorcao-idade-serie-no-brasil> Acesso 18 jul 2019.

TOMIO, N. A. O. ; M. G. D. FACCI. **Adolescência**: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. Revista Teoria e Prática da Educação, v.12, n.1, p. 88-99, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/14059> Acesso: 20 set. 2019.

UNICEF. **Panorama da distorção idade série no Brasil**. Brasília /DF. Escritório da UNICEF no Brasil. 2018. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/panorama-da-distorcao-idade-serie-no-brasil> Acesso 18 jul 2019.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 2, 13, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 35, 80

Água fonte de vida 125

Aluno 4, 6, 20, 26, 50, 51, 53, 56, 59, 63, 64, 80, 87, 88, 89, 91, 93, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 117, 121, 122, 126, 127, 129, 135, 142, 143, 149, 150, 152, 153, 154, 160, 202, 203, 219, 226, 227, 228, 230, 231

Análisis del discurso 66, 67, 75, 77, 164, 165, 166, 170, 172

Atraso escolar 19, 21, 25, 26, 31

Avaliação formativa 78, 203

B

Brincadeiras 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

C

Colegialidade 78, 80, 81, 94

Cultura digital 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 112

Currículo 25, 35, 62, 64, 65, 66, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 123, 125, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 180

D

Dificuldades leitoras 54, 58, 59, 60, 63

E

Educação 1, 16, 18, 20, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60, 64, 65, 79, 80, 81, 84, 99, 102, 104, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 122, 123, 124, 126, 129, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 176, 177, 178, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 213, 214, 224, 231, 232

Educação inclusiva 49, 51, 52

Educação infantil 34, 52, 57, 58, 65, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 214

Ensino de biologia 115, 124, 125, 127, 129

Ensino de Ciências 113, 124, 129, 197

Ensino de química 125, 127, 128, 129

Escola 1, 2, 9, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 46, 49, 52, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 94, 98, 99, 100, 102, 103, 105,

107, 108, 109, 110, 111, 119, 123, 124, 129, 140, 141, 142, 143, 146, 148, 152, 153, 155, 160, 162, 163, 164, 176, 177, 182, 183, 184, 185, 191, 192, 194, 195, 196, 200, 202, 203, 210, 212, 213, 230, 231, 232

Estratégias de leitura 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65

Estratégias de sobrevivência 113, 114, 124

Evasão 21, 23, 83, 146, 226, 227, 230, 231

F

Famílias 2, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 154, 190, 194

Folga 216, 217, 219, 223, 224

Formação de professores 97, 108, 125, 139, 157, 176, 177, 186, 232

Formação docente 49, 63, 78, 81, 82, 99, 100, 112

Formación ciudadana 66, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

Fortalecimento da leitura 54, 56, 57, 58, 59, 63, 64

Fundamentos filosóficos 139, 140

G

Gerações 189

Gestão 6, 42, 43, 45, 46, 60, 82, 109, 132, 134, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 194, 196, 198, 216, 231

Governamentalidade 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48

H

Horta escolar 197

I

Inclusão 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 104, 108, 111, 127, 135, 146, 157, 203, 216, 217, 218, 219, 227

Inovação 102, 104, 105, 106, 109, 110, 112, 158, 160

Interações 23, 107, 109, 124, 189, 190, 191, 192, 193, 195

M

Materiais pedagógicos 113, 115, 122, 123, 124

Monitores 49, 50, 51, 52

P

Pacto de convivência 164

Pedagogia 33, 34, 60, 65, 101, 106, 112, 131, 136, 138, 141, 145, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 196, 202, 225, 232

Política educativa 66, 67, 71, 72, 74, 75, 76

Pós-estruturalismo 37, 39, 140

Pós-modernidade 139

Profissionalismo colaborativo 78, 94, 95

R

Recursos didáticos 146, 152, 153, 155, 156

Relações de poder 37, 39, 132, 138

Representaciones sociales 66, 76, 164, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 175

S

Sobrevivência Policial 216, 217, 218, 219, 220, 222, 224

Sociedade 6, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 33, 34, 35, 38, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 55, 89, 102, 103, 105, 107, 110, 111, 133, 135, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 160, 162, 176, 182, 183, 185, 194, 201, 213, 219

Socioestética 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175

T

Tecnologias 45, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 127, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 182, 183, 186, 231, 232

Trabalho 2, 4, 13, 14, 16, 19, 22, 37, 38, 40, 43, 47, 49, 50, 52, 55, 58, 60, 61, 63, 64, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 108, 109, 114, 115, 116, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 132, 134, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 160, 162, 176, 178, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 196, 197, 200, 202, 203, 207, 208, 213, 214, 216, 217, 218, 222, 224, 226, 228, 229, 230, 231

Trabalho em equipe 78, 84, 86

Trabalho por projeto 197

U

Universidade 1, 18, 22, 34, 37, 48, 49, 100, 108, 113, 124, 125, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 179, 188, 189, 196, 215, 226, 227, 228, 231, 232

V

Violência 6, 7, 8, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 21, 23, 30, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

A educação

enquanto fenômeno social:

Um estímulo à transformação humana

5



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

A educação

enquanto fenômeno social:

Um estímulo à transformação humana

5



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022